

SOPLO

Agora é inverno e no mundo uma cor só;
o som do vento
.Matsuo Bashô.

Una brisa, un soplo, una ráfaga de aire. Un soplo de vida que se esparce, alimenta el fuego, levanta el polvo y atraviesa las grietas, creando aperturas, disensiones, expansiones y reconfiguraciones de la experiencia común de lo sensible. ¿Sería el soplo un deseo de aire? En esta exposición, soplar es mover un deseo de creación, se dice de un aire que sale de dentro y se convierte en tormenta y huracán cuando se topa con las fuerzas del mundo. El filósofo Didi-Huberman¹ nos invita a acercar el rostro a las cenizas de nuestro tiempo y soplar suavemente para que la brasa, bajo las cenizas, vuelva a emitir su calor, su resplandor, su peligro. Soplar es encender el verbo, y el aire es combustible que impulsa movimientos de transformación y revela la germinación de otro imaginario político. Es como un viento que señala direcciones y mueve el tiempo y el espacio, que las obras aquí presentadas se configuran como una corriente de aire que suspende el ordenamiento del mundo al proponer otros regímenes de sensibilidad. Vulnerabilidad, agotamiento y resiliencia en un mundo colonizado por la blanquitud; identidad racial; la ficción que subyace al discurso de dominación de territorios, cuerpos y culturas; inmigración; los movimientos curativos que surgen de la combinación del conocimiento popular y científico se encuentran entre los temas cubiertos por los 11 artistas de esta exposición. Fotografía, escultura, objeto, bordado, acuarela y video instalación son algunos de los medios utilizados para señalar otros paisajes de lo posible y plantear preguntas que incendian una determinada configuración del mundo que insta a ser otro. ¿Puedes sentir la brisa, los colores y el calor de este aire que ya revela las mutaciones de un tiempo cambiante?

Roberta Stubs

¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, 2012, p. 206-219.

SOPRO

Agora é inverno e no mundo uma cor só;
o som do vento
.Matsuo Bashô.

Uma brisa, um bafo, uma lufada de ar. Um sopro de vida que se alastra, alimenta o fogo, levanta a poeira e atravessa frestas operando aberturas, dissensos, dilatações e reconfigurações da experiência comum do sensível. Seria o sopro um desejo de ar? Nessa exposição soprar é movimentar um desejo de criação, diz de um ar que sai de dentro e se converte em tormenta e furação quando se depara com as forças do mundo. O filósofo Didi-Huberman² nos convida a aproximarmos nossos rostos das cinzas de nosso tempo e soprar suavemente para que a brasa, sob as cinzas, volte a emitir seu calor, seu resplendor, seu perigo. Soprar é inflamar o verbo, e o ar é combustível que impulsiona movimentos de transformação e revela a germinação de uma outra imaginação política. É como um vento que aponta direções e movimenta o tempo e o espaço que os trabalhos aqui presentes se configuram como uma corrente de ar que suspende o ordenamento do mundo ao propor outros regimes de sensibilidade. Identidade racial; imigração; vulnerabilidade, esgotamento e resiliência em um mundo colonizado pela branquitude; a ficção que subjaz ao discurso de dominação de territórios, corpos e culturas; movimentos de cura que nascem da conjugação entre saberes populares e científicos, figuram entre os temas abordados pelos 11 artistas dessa exposição. Fotografia, escultura, objeto, bordado, aquarela e vídeo-instalação são alguns dos meios utilizados para **apontar outras paisagens do possível e** nos lançar questões que fazem arder uma certa configuração de mundo que urge ser outro. Conseguem sentir a brisa, as cores e o calor destes ares que já revelam as mutações de um tempo em transformação?

Roberta Stubs

² DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, 2012, p. 206-219.